

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ**

**PEDRO PAULO LIMA DA COSTA**

**OS NATURALISTAS E AS POPULAÇÕES DA VILA DE EGA NO SÉCULO XIX,  
MÉDIO SOLIMÕES**

**TEFÉ-AM  
2020**

**PEDRO PAULO LIMA DA COSTA**

**OS NATURALISTAS E AS POPULAÇÕES DA VILA DE EGA NO SÉCULO XIX,  
MÉDIO SOLIMÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito à obtenção de título de Licenciado em História, do Curso de Licenciatura em História, do Centro de Estudos Superiores de Tefé, Universidade do Estado do Amazonas.

Orientador. Prof. MSc. Tenner Inauhiny de Abreu

**TEFÉ-AM  
2020**

**PEDRO PAULO LIMA DA COSTA**

**OS NATURALISTAS E AS POPULAÇÕES DA VILA DE EGA NO SÉCULO XIX,  
MÉDIO SOLIMÕES**

Esta Monografia foi julgada para a obtenção do título de Licenciado em História e, aprovada em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em História.

**Banca Examinadora**

---

Prof. MSc. Tenner Inauhiny de Abreu (Orientador)

---

Prof. Avaliador 1

---

Prof. Avaliador 2

DATA: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

TEFÉ-AM  
2020

À minha filha Victória D'Ávila

## AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa que quero agradecer é a minha esposa Eulunalva Carvalho de Melo (Preta), minha amiga e companheira. Obrigado pelo seu amor, sua paciência, conversas e estímulos. Sempre me incentivando a seguir o melhor caminho e a escolher a hora certa de buscar um sonho! Muito obrigado meu amor!

Quero agradecer em especial à minha família. Não sei como agradecer pessoas tão maravilhosas que fazem a minha vida mais rica. À Victória D'Ávila, minha filha, por me ensinar formas diferentes de ver a vida. Aos meus enteados Tamily, Antonio e Caroline, principalmente, por me aturarem. Aos meus genros pela parceria nos finais de semana: Alex Farias e Gerson Lopes. À minha nora Vitória Bacelar. E aos meus netos Miguel e João por tornarem meus dias mais felizes.

Ao meu orientador e professor Tenner Inauhiny de Abreu, por tudo que me ensinou e pela disponibilidade e paciência em me atender em todos os momentos que precisei, seus ensinamentos, críticas e discussões alimentaram o meu desejo de aprender cada vez mais.

Luciene Joely Santos da Silva por toda ajuda e ensinamentos, pelas conversas e discussões que ajudaram a durante minha caminhada.

Aos meus amigos (Turma do Fundão) sempre dispostos a me escutar e discutir sobre tudo: Cleuton Silva, Francisco Alves, Kailane Maciel e Robson Costa, obrigado pelas ricas trocas de experiências durante essa trajetória.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em História, por ministrarem as disciplinas do curso com tanta dedicação e gosto.

À Coordenação de Curso de Licenciatura em História.

À secretária do Curso de Licenciatura em História pela ajuda e paciência.

O interesse contemporâneo no reexame da contribuição dos viajantes que passaram pelo Brasil é um reconhecimento de que eles escreveram páginas fundamentais de uma história que nos diz respeito. O legado iconográfico e a literatura de viagem dos cronistas europeus trazem sempre a possibilidade de novas aproximações com a história do Brasil.

(BELLUZZO, Ana Maria de Moraes, 1999, p. 10).

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo compreender o olhar científico dos viajantes naturalistas que percorreram o rio Solimões no século XIX, em busca de estudarem não somente a fauna e a flora, mas também seus habitantes. Esses estudiosos embalados pelo sucesso das ciências naturais partiram em busca de novas descobertas, em direção aos mais longínquos cantos, um desses foi o rio Solimões. Os naturalistas, que se dirigiram para essa parte do Solimões, eram botânicos, zoólogos, entomólogos, geólogos, enfim, cientistas oriundos das ciências naturais, que estavam preocupados em atender as exigências e propósitos profissionais, com os quais estavam diretamente comprometidos, porque lhes caberia descrever tudo o que se encontrava pelo caminho. Além disso, o trabalho mostra como a população desta região foi analisada por esses homens da ciência que passaram anos percorrendo seus rios em busca de coletarem dados da sua população para levarem para seus países de origem.

**Palavras-chaves:** Ciência, Naturalistas, século XIX, Populações, Rio Solimões, História.

## **ABSTRACT**

The present study aims to understand the scientific view of naturalistic travelers who traveled the Solimões River in the 19th century, in search of studying not only the fauna and flora, but also its inhabitants. These scholars, shaken by the success of the natural sciences, set out in search of new discoveries, towards the furthest corners, one of which was the Solimões River. The naturalists, who went to this part of the Solimões, were botanists, zoologists, entomologists, geologists, in short, scientists from the natural sciences, who were concerned with meeting the demands and professional purposes, with which they were directly committed, because it would be up to them describe everything that was on the way. In addition, the work shows how the population of this region was analyzed by these men of science who spent years traversing its rivers in search of collecting data from their population and took it to their countries of origin.

**Keywords:** Science, Naturalists, 19th century, Populations, Solimões River, History.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I</b> .....	11
<b>1.1. Práticas de História Natural nos Séculos XVIII e XIX</b> .....	11
<b>1.2. O que é um Naturalista?</b> .....	14
<b>1.3. Os naturalistas no Brasil: Johann Baptist Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius</b> .....	15
<b>1.3.1. Louis Agassiz e a Expedição Thayer (1865-1866)</b> .....	16
<b>1.3.2. Henry Walter Bates e Alfred Russel Wallace</b> .....	17
<b>CAPÍTULO II</b> .....	20
<b>2.1. Os naturalistas na Amazônia</b> .....	20
<b>2.2. Naturalistas no rio Solimões</b> .....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	35

## INTRODUÇÃO

Durante os séculos XVIII e XIX, viajantes naturalistas percorreram o Brasil para documentar a natureza, a cultura e a população da então colônia e posteriormente Império. Embora muitos destes naturalistas fossem fascinados pelo Brasil, a Amazônia era o mais importante espaço de concentração de naturalistas e de suas práticas em ciências naturais (SÁ, 1995). Um dos lugares da Amazônia mais visitados foram as vilas/aldeias do médio rio Solimões. Nesse sentido esta pesquisa tem como o objetivo compreender a visão dos naturalistas sobre as populações da vila de Ega (atualmente Tefé) e arredores do médio rio Solimões, que até então era uma região pouco explorada. Os naturalistas que abordarei aqui são: Johann Baptist Spix, Carl Friedrich Philipp von Martius, Louis Agassiz, Henry Walter Bates e Alfred Russel Wallace, mas sobre os que passaram pelo médio rio Solimões eu abordarei somente Louis Agassiz e Henry Walter Bates no decorrer do século XIX.

Este estudo é composto por dois capítulos, no primeiro fiz um levantamento sobre a ciência no século XIX, bem como o interesse dos naturalistas pelo Brasil, suas viagens e descobertas. No segundo capítulo descrevo sobre a presença desses naturalistas no médio rio Solimões, bem como seus relatos sobre os habitantes da vila de Ega, seus costumes, suas crenças, seu cotidiano e sua cultura. Utilizei uma ampla revisão bibliográfica nos livros, relatos e obras sobre os naturalistas que passaram por aqui, com uma atenção especial atenção da descrição que eles fizeram sobre as populações amazônicas.

## CAPÍTULO I

Neste capítulo apresento um breve panorama das práticas de História Natural, bem como da ciência nos séculos XVIII e XIX. Fiz uma divisão do capítulo em três tópicos: no primeiro faço uma descrição do pensamento científico nesses períodos, no segundo apresento o que é um naturalista e, no terceiro descrevo como o Brasil entrou de fato nas viagens dos naturalistas.

### **1.1. Práticas de História Natural nos Séculos XVIII e XIX**

Nos séculos XVIII e XIX o conhecimento científico avança a todo vapor e estava onipresente não somente nas sociedades europeias, mas em diferentes partes do mundo (RONAN, 1987; HENRY, 1998). Não é exagero afirmar que nesse período, com a Revolução Industrial, a Ciência tinha novos instrumentos que permitiam a realização de pesquisas mais profundas e o alcance de uma melhor compreensão do mundo (LOPES, 2001; WILKE & ANTUNES, 2013).

Alguns efeitos desta expansão científica são bem conhecidos, como a transformação das mentalidades, os hábitos, as técnicas, os valores, os modos de vida, os diversos aspectos da cultura dos povos não europeus que, gradativamente, passaram a adotar o modo de vida das sociedades científicas e tecnológicas (ALVES, 2011). Mais do que isso, a Ciência podia tudo, seria a ferramenta de redenção. A partir disso, havia a percepção de que a Ciência era algo útil, de aplicação, e que estimular a prática científica poderia trazer retorno em forma de desenvolvimento econômico ou de benefícios para a sociedade (CID & WAIZBORT, 2006; WILKE & ANTUNES, 2013).

A partir de então, o financiamento da atividade científica se tornou uma meta de alguns governantes da Europa e, as expedições científicas permitiam a realização de levantamentos dos recursos naturais disponíveis, que poderiam ter valor científico e econômico. No contexto mais amplo da expansão colonial, as expedições ainda cumpriam objetivos políticos e militares relacionados com o mapeamento e o domínio de terras não exploradas pelos países europeus (ANTUNES et al., 2015).

Partindo desses pressupostos, a coroa portuguesa, passou a adotar o fomento estatal e, a valorização das Ciências Naturais, principalmente a Botânica, intimamente ligada à Agricultura, a Medicina e a Química, mas também a Mineralogia e a Metalurgia, que se tornou preocupação explícita do governo português (FIGUEIRÔA, 1998). Ter o conhecimento

científico era uma forma de controlar as terras coloniais portuguesas, além de trazer progresso tecnológico e a modernização da nação (LOPES, 2000).

Essa busca pelo conhecimento natural era feita pelos naturalistas, que eram homens que mesmo com recursos escassos, saíam em expedições e se aventuravam até as áreas mais longínquas, inóspitas e inexploradas do Novo Mundo para coletar amostras e descrever o mundo natural (WILKE & ANTUNES, 2013). Nestas expedições, desbravavam novos territórios, ao mesmo tempo em que formavam ricas coleções de fauna, flora, mineralogia e etnografia. Para os naturalistas, a formação de coleções era uma etapa essencial para a transformação da natureza em ciência, isto é, em objeto de estudo ordenável, compreensível (WILKE & ANTUNES, 2013).

Um dos naturalistas mais importantes de todos os tempos foi o alemão Alexander von Humboldt. A jornada dele pela América Latina, que começou em 1802 e durou cerca de seis anos, é comparada a uma espécie de "segundo descobrimento" do continente. Os relatos de Humboldt inspiraram vários outros naturalistas que tinham a pretensão de conhecer o Novo Mundo, entre eles Johann Baptist von Spix, Karl Friedrich Philipp von Martius, Alexander Agassiz, Henri Walter Bates. Os dois últimos serão os objetos de investigação deste estudo.

Nessa viagem, Humboldt escreveu quatro grandes livros sobre os países latino-americanos, mas um deles ficou de fora de suas pesquisas, o Brasil. Humboldt não entrou no território brasileiro pelo fato de ser impedido pela coroa portuguesa, que tinha receio de que o alemão fosse um espião e, que traria novas ideias que poderiam ameaçar a soberania de Portugal na região. A tensão entre o governo espanhol e o governo português era grande, e isso foi o principal fator para dificultar a entrada de Humboldt em território brasileiro. Dom João chegou a ordenar que, se Humboldt entrasse no Brasil, deveria ser diretamente enviado da Amazônia para Lisboa.

Entretanto, foi somente após a transferência da corte portuguesa para o Brasil em 1808 que houve um aumento no número de naturalistas (mencionados acima) que vieram ao Brasil, pois as atividades científicas ganharam incentivos baseados nas ideias iluministas de que a Ciência estaria a serviço do progresso material:

Nenhum país floresce e se felicita sem indústria; por ser ela o móvel principal da prosperidade e da riqueza, tanto pública como particular de uma Nação culta e realmente independente (...) e por isso todos os países europeus, convencidos de que a indústria é a rica fonte inesgotável da prosperidade, inauguram Sociedades Patrióticas, para promovê-las e, inventar máquinas que é o meio de que a indústria se serve, para aumentar forças e obter em menos tempo com menor número de braços, e com mais facilidade e perfeição pela

efetividade e, regular aplicação de suas forças, maior soma de riquezas de uma nação quanto é a perfeição da mão de obra, e com tão pouca despesa, quanto é o custo da máquina, e da matéria, que é aplicado (DANTES, 2001, p. 86).

A chegada da Família Real no Brasil e, a abertura dos portos trouxeram os naturalistas estrangeiros. Em contraste dramático com a política praticada anteriormente, de sigilo e exclusão, vários cientistas foram admitidos, associados a missões diplomáticas inglesas, austríacas, e, depois do término das guerras napoleônicas, até francesas.

A História Natural nas terras brasileiras também estava atrelada à ideia de civilização (FILGUEIRAS, 1990; WANZELLER, 2019). Controlar a natureza determina o progresso, através do aumento da capacidade de produção agrícola e, sobretudo, da diversificação de produtos no mercado (FILGUEIRAS, 1990; WANZELLER, 2019). O homem moderno precisava estudar a natureza, inicialmente para sobreviver e em seguida para melhorar sua qualidade de vida (FILGUEIRAS, 1990; WANZELLER, 2019). Além disso, desvendar a natureza poderia ajudar a sanar os males físicos e econômicos (FILGUEIRAS, 1990). As plantas medicinais curavam, os produtos vegetais e minerais alimentavam e produziam lucro (FILGUEIRAS, 1990; WANZELLER, 2019).

A partir disso, a Coroa Portuguesa passou a adotar uma série de medidas com objetivo de tornar o país desenvolvido. Primeiramente, surgiram associações cujo objetivo era a exploração da natureza e também aquelas dispostas a lançar as bases da nação (WANZELLER, 2019). Dentre as associações, destacava-se a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), uma sociedade que era uma espécie de caráter acadêmico consultivo, cuja tarefa era auxiliar a Coroa nos assuntos referentes ao emprego da Ciência na política pública e, no processo de modernização e industrialização do país (LEOPOLDI, 2000; WANZELLER, 2019)

A sociedade Auxiliadora concedia licenças para desenvolver novas variedades agrícolas, manufaturá-las, fabricar máquinas ou explorar minérios (DANTES, 2001). Alertava também para as questões do conhecimento aplicado e seu ensino e, preocupações sociais (DANTES, 2001). Houve uma grande valorização das ciências naturais na SAIN, assim o país tornava-se mais desenvolvido com ajuda dessa sociedade letrada que propunha novos rumos ao crescimento do Brasil (DANTES, 2001).

Assim, viajantes naturalistas europeus foram incentivados a inventariar as riquezas naturais do Brasil, inaugurando um novo período de produção de conhecimento e, as expedições lideradas por naturalistas ganharam um forte caráter científico (GOMES et al., 2012). Foi a partir disso que os naturalistas já mencionados puderam adentrar o Brasil e, passaram a fazer descrições detalhadas da natureza e das pessoas. Para entender melhor como Brasil se tornou

um país totalmente visitado por esses homens da ciência se faz necessário descrever o que é um naturalista.

## 1.2. O que é um Naturalista?

Naturalista era aquele que se dedicava ao estudo da história natural, compreendendo a dinâmica da Terra (RUBIN, 2013), principalmente da botânica, zoologia e geologia. O naturalista era um observador e descrevia a natureza. Ele tinha como função compreender tudo que dizia respeito ao mundo natural, desde a fauna e flora, até os fenômenos climáticos, além das sociedades humanas.

[...] o naturalista procurava almejar o conhecimento universal. Ser naturalista implicava compreender tudo o que dizia respeito ao mundo natural, desde os animais, passando pela fauna e flora, até os fenômenos climáticos, geográficos e astronômicos. Nisso estava compreendida também a sociedade humana, sua civilização, sua história, sua economia e assim por diante (LISBOA, 2009, p. 180).

Ser naturalista significava penetrar em um lugar desconhecido, pois não seria possível conhecer um lugar sem penetrar no seu espaço continental (KURY, 2001). Essa afirmação mostra que não seria possível estudar a natureza sem manter contato diretamente com ela. Significava ver com os próprios olhos as riquezas naturais. Os viajantes naturalistas além das descrições textuais utilizavam o desenho e a pintura, o que enriquecia mais seus relatos. De acordo com Kury (2001):

Para grande parte dos naturalistas, a multiplicidade de sensações que envolvem o naturalista em sua viagem poderia e deveria ser descrita pela Ciência. Daí o uso de representações pictóricas e a preocupação com os recursos literários das narrativas de viagem. Assim, o cientista que se fez viajante escolheu não apenas ver com os próprios olhos, mas ouvir e sentir com o próprio corpo os fenômenos lá onde acontecem (p. 870).

E que lugar melhor para exaltar as maravilhas naturais que a região neotropical, um dos lugares mais biodiversos e, se tornou um campo de pesquisa para muitos naturalistas. Estes saíam em busca de descobertas para serem apresentadas nos grandes eventos acadêmicos na Europa. Suas expedições também eram financiadas pelos grandes museus de história natural da Europa. Assim, o naturalista que realizasse uma viagem de exploração em países tropicais, teriam uma ascensão na carreira (LISBOA, 2009).

Dessa forma, muitos naturalistas permaneceram anos na América do Sul e, o Brasil foi um desses longínquos cantos do mundo onde esses pesquisadores puderam realizar suas pesquisas. Portanto, o Brasil seria um dos países mais visitado por esses estudiosos.

No que se concerne às contribuições pioneiras dos viajantes naturalistas houve um crescente acúmulo de conhecimentos sobre o território brasileiro. A partir desses viajantes - naturalistas - investigadores que visitaram nosso país, principalmente no século XIX, a paisagem brasileira, passaram a ser alvo de pesquisas e descrições revelando ao mundo moderno aspectos geológicos, climatológicos, geomorfológicos, ictiológicos, fisiográficos, ecológicos, etnológicos, dentre outros.

### **1.3. Os naturalistas no Brasil: Johann Baptist Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius**

Diversos naturalistas vieram ao Brasil nesse período, entretanto, destaque aqui apenas alguns deles. Após a abertura dos portos por Dom João VI, naturalistas britânicos, alemães, franceses, suíços, norte-americanos vieram ao Brasil. Essa entrada de naturalistas também foi incentivada pela Arquiduquesa Leopoldina, esposa de Dom Pedro I (LISBOA, 1997).

Em 1817, a Arquiduquesa Leopoldina ficou encarregada de organizar uma viagem para o Brasil com uma comitiva de cientistas alemães, entre eles estavam os naturalistas Johann Baptist Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius:

[...] financiados e apoiados por seu monarca, o itinerário da missão dos naturalistas foi traçado com vista a coletar material da botânica, da zoologia e da etnografia para os museus e instituições de história natural de seus países, resultados construiriam conhecimento inédito sobre as possessões portuguesas da América do Sul (LISBOA, 1997, p. 21).

Nessa expedição, de 1817 a 1820, Spix e Martius, ao lado de outros naturalistas, fizeram a coleta de um grande acervo de material zoológico e botânico e, também realizaram um estudo etnográfico. Inspirados pelas expedições de Alexander von Humboldt, o zoólogo Spix e o botânico Martius percorreram durante três anos mais de 10.000 km<sup>2</sup> nas paisagens brasileiras. Começando no Rio de Janeiro, passando por São Paulo, Ouro Preto, Salvador, atravessando Minas Gerais, o sertão do Nordeste e explorando a bacia Amazônica. A aventura rendeu um testemunho único sobre o Brasil. Foram esses naturalistas que repartiram a vegetação brasileira em cinco biomas (Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Floresta Amazônica e Pampas), base usada até hoje - com o acréscimo apenas do bioma Pantanal. Ainda hoje, 200 anos depois, seu legado é base para estudos culturais, históricos e naturais.

No período da viagem, viveram muitos martírios, passaram por tempestades, secas, doenças e sede. Spix e Martius retornaram à Europa levando uma vasta coleção de amostras e desenhos da fauna, flora e etnografia brasileiras. Entre os suvenires transportados para a Europa, estavam: 6.500 plantas e sementes, 2.700 insetos, 85 mamíferos, 350 pássaros, 150 anfíbios e répteis; além de 116 peixes e 2.700 insetos, exemplares preparados e alguns mesmo vivos - incluindo seres humanos. A dupla chegou na Alemanha com duas crianças indígenas, de duas tribos distintas, uma menina e um menino, que morreram meses após o desembarque na Europa. "Eles levaram seis índios da Amazônia, dois deixaram no Brasil e dois morreram durante a travessia do Atlântico" (LISBOA, 1997, p. 71).

### **1.3.1. Louis Agassiz e a Expedição Thayer (1865-1866)**

O naturalista Louis Agassiz chefiou a expedição científica norte-americana que visitou o Brasil no período de 1865-1866. Ele veio ao Brasil acompanhado de sua esposa Elizabeth Agassiz.

A expedição de Agassiz contava com um amplo suporte financeiro, cedido pelo banqueiro e filantropo Nathaniel Thayer Jr. (1808-1883). Apoio institucional, pela posição de Agassiz como fundador do Museum of Comparative Zoology e como professor na Harvard University, onde estudavam muitos dos membros que compuseram sua comitiva. Apoio governamental, pelas boas relações que o naturalista mantinha com representantes dos governos estadunidense e brasileiro, inclusive com o Imperador Dom Pedro II.

Agassiz foi recebido pelo imperador do Brasil, que chegou a assistir a uma de suas conferências, e viajou com cartas que o recomendava por todo o império. Este naturalista pretendia reunir fatos que pudessem fortalecer a sua posição contra a teoria da evolução de Charles Darwin (1809-1882) e Alfred Russel Wallace (1823-1913), que propunha o desenvolvimento de novas espécies por meio do mecanismo da seleção natural.

Para Agassiz, todas as espécies foram criadas por Deus e, seriam incapazes de se transformar ao longo do tempo, pois Ele as havia criado da forma como deveriam existir. Aqui, Agassiz queria encontrar evidências de uma glaciação global, que teria extinguido toda a vida do planeta no final do período Terciário. E, com o estudo dos peixes, pretendia comprovar que a diversidade e a distribuição geográfica desses animais na Amazônia não poderiam ser explicadas pela seleção natural, mas apenas pela vontade divina.

Agassiz reuniu uma extensa coleção de espécies de peixes amazônicos, os quais foram adicionados à coleção do Museum of Comparative Zoology. Agassiz já havia estudado os peixes de água doce do Brasil, colecionados por Spix, por incumbência de Martius, por motivo

da morte de Spix. Além disso, Agassiz também dedicou sua pesquisa muita atenção às pesquisas ligadas a Geologia, Paleologia e Paleontologia (ANTUNES, 2019).

A primeira visão que o naturalista teve do Brasil, logo ao ter desembarcado foi justamente a vegetação tropical e a vida dos brasileiros, pois uns grupos de escravos cantavam e dançavam para alegrar sua noite. O que logo lhe impressionou quando chegou ao Rio de Janeiro, foi as ruas estreitas, o acúmulo de imundícies de toda espécie e os negros carregadores seminus que transitavam de lado para outro nos seus trabalhos (AGASSIZ, 1975).

A parceria de Agassiz com sua esposa Elizabeth rendeu várias considerações racistas aos brasileiros, que trataremos mais adiante no tópico sobre as populações humanas. Porém, houve fatores importantes, como a presença de mulheres nas palestras dele no Rio de Janeiro, fato totalmente inusitado no Império de Dom Pedro II. Em carta à sua família, Elizabeth relatou que a segunda palestra de Agassiz foi mais concorrida que a primeira, e que o imperador sancionara a presença de mulheres. A presença de Elizabeth reforçou a credibilidade e o papel de pretensa utilidade social dos trabalhos científicos de Agassiz. A disponibilidade de um vasto acervo documental sobre a expedição, composto por relatos de diversos de seus membros, facilitou a observação das relações entre os viajantes e a população brasileira.

### **1.3.2. Henry Walter Bates e Alfred Russel Wallace**

Em 1847 Alfred Russel Wallace propôs ao seu amigo Henry Walter Bates a realização de uma expedição ao Amazonas, com o fim de explorar a História Natural de suas margens. Estes naturalistas estavam buscando evidências de como se originavam as espécies. A única forma pela qual tal empreitada poderia ser levada a cabo era mediante a análise das relações entre os padrões de afinidade e a distribuição entre as espécies estreitamente relacionadas, com base no estudo da morfologia (PAPAVERO & SANTOS, 2014).

No início do ano de 1848, os dois naturalistas se encontraram em Londres para planejar a viagem e estudar as principais coleções de História Natural da América do Sul que lá se encontravam. Ambos previram partir com recursos próprios. O plano deles era colecionar uma coleção de objetos de história natural dispondo das duplicatas em Londres para pagar as despesas da viagem. Em abril de 1848, depois de um mês de navegação, alcançaram a foz do rio Amazonas.

Diferentemente de Agassiz e todo o seu aparato institucional e financeiro e, de outros viajantes naturalistas que percorreram o interior do Brasil, Bates e Wallace não possuíam patrocinadores oficiais, vieram ao país com estruturas mais modestas (JUNGHANS, 2011), o que revela diferenças significativas na maneira que se relacionavam com a população. Este

olhar será tratado mais adiante nos tópicos que trata das populações humanas. Nos círculos profissionais de história natural, como universidades, jardins reais, museus e sociedades científicas, eram desconhecidos (RABY, 1996).

Por esta razão, não é possível enquadrar os objetivos da viagem de Wallace e Bates nem com a categoria de viajantes ligados aos interesses de levantamentos marítimos da British Royal Naval, nem com expedições científicas apoiadas e financiadas por vários países (CAMERINE, 2002). Mas pode-se afirmar que quando estes dois indivíduos embarcaram para a Amazônia carregando redes, caixas, armas, equipamentos para camping e vários outros instrumentos e, quase nenhum dinheiro, eles haviam calculado que poderiam se sustentar com a venda de insetos e outras espécies exóticas para o mercado de colecionadores em história natural de Londres (RABY, 1996; CAMERINE, 2002).

Nos primeiros dois anos na Amazônia, entre 1848 e 1850, Wallace e Bates trabalharam juntos, coletaram milhares de espécies diferentes de seres vivos, na região do baixo Rio Amazonas entre cidades do Pará, atual Belém e Santarém. Enviaram nesse período duas remessas para a Inglaterra (julho de 1848 e julho 1849) (WALLACE, 1979). Porém, no início de 1850, os dois naturalistas tomaram caminhos diferentes. Bates decidiu subir o rio Solimões e Wallace decidiu subir o Rio Negro (MARCHANT, 1916; BROOKS, 1984).

Wallace apresentava grande interesse em entender as afinidades e semelhanças entre os seres vivos que colecionava e, segundo suas palavras, era crescente o sentimento em conhecer “a exuberância das espécies viventes nos trópicos e mudar os rumos de sua vida” (WALLACE, 1905). Nos quatro anos na região, Wallace coletou, desenhou e investigou os hábitos, a morfologia e a ocorrência de uma grande variedade de espécies, entre elas: palmeiras, aves, peixes, pássaros, macacos, borboletas e besouros. Esses estudos na região amazônica contribuíram para que se tornasse um exímio observador, coletor, colecionador e pesquisador (CARMO, 2011). Em sua viagem de retorno à Inglaterra, em julho de 1852, o navio em que estava incendiou-se completamente. Wallace conseguiu escapar com vida, mas perdeu toda a coleção biológica angariada nos últimos dois anos. Salvaram-se seu diário e alguns desenhos de peixes e palmeiras (WALLACE, 1905; FICHMAN, 2004).

Wallace também observou que o rio Amazonas e seus principais afluentes constituíam fronteiras para vários grupos de animais, em particular, os primatas, ou seja, foi um dos primeiros a propor um padrão biogeográfico para a Amazônia. Além disso, Wallace fez contribuições importantes para a Ciência. Suas pesquisas mais difundidas, realizadas em viagem posterior, ao Arquipélago Malaio, entre os anos de 1854 a 1862, além de contribuírem

para o estabelecimento das bases da teoria da Evolução Biológica através da seleção natural, também desenvolvida por Charles Robert Darwin (CAMERINE, 1996).

O naturalista e apaixonado por entomologia Henry Walter Bates permaneceu no Brasil até 1859, ou seja, passou 11 anos na região amazônica (BATES, 1975). Bates coletou aproximadamente 14.000 espécies, das quais de 8.000 eram novas para a ciência. A viagem de Bates foi uma das mais importantes para as ciências naturais. Ele também fez várias observações importantes e propôs um tipo de mimetismo, agora conhecido como mimetismo batesiano (BATES, 1975).

A partir de suas observações, principalmente sobre as borboletas, Bates publicou uma série de artigos importantes para a Ciência (DICKENSON, 1992). Ele foi capaz de proporcionar algumas evidências novas e oportunas em favor da seleção natural (VAN WYHE, 2013). Bates explicou a Darwin que havia descoberto muitas instâncias nas quais um animal, completamente inofensivo e comestível, lembrava alguma espécie repugnante, não-comestível, nociva ou venenosa (DICKENSON, 1992). Ele observou moscas que se pareciam com abelhas, besouros que se pareciam com vespas, e até mesmo lagartas parecidas com víboras (VAN WYHE, 2013). Ele se referiu a isso como “semelhança análoga”, ou “analogia mimética” (VAN WYHE, 2013). Muitos de seus estudos foram acompanhados de discussões perspicazes sobre zoogeografia, distinguindo assim Bates como um dos mais notáveis cientistas.

## CAPÍTULO II

### 2.1. Os naturalistas na Amazônia

O imaginário sobre a Amazônia era povoado pelas lendas orientais, relatadas por Marco Polo, Jeham de Mandeville, Pierre d'Ailly, Jean de Plan de Carpin e Ibn Battuta. Os relatos de viagens desses autores ganham popularidade a partir do século XIII e se mantiveram longo dos séculos, numa tradição de relatos fabulosos (GONDIM, 1994; SEIXO, 1996). Essas histórias foram, por sua vez, construídas, em grande parte, a partir das mitologias indiana e greco-romana (GONDIM, 1994). Muito antes da chegada de europeus à América, as narrativas de viagens já mesclavam os imaginários pagão e cristão. O mito das Amazonas, mulheres guerreiras que Francisco Orellana afirma ter encontrado em sua viagem ao Amazonas (1541-1542) e, registrada no relato de Carvajal, é mais um exemplo de incorporação da mitologia clássica ao imaginário sobre o Novo Mundo, mais especificamente sobre a Amazônia.

Os relatos de viagens perpassavam, então, o imaginário dos naturalistas, muitos dos quais vieram à Amazônia alimentando abundância de imagens e mitos construídos desde o século passado sobre a região:

São muitos os que percorrem a Amazônia, tanto literal como metaforicamente. Em diferentes épocas, sob perspectivas diversas e em distintas linguagens, percorrem a floresta e o rio, a realidade e o mito, em busca do desconhecido, do inextricável. Em suas narrações, científicas, filosóficas e literárias, empenham-se em classificar o que é, o que teria sido e o que poderá ser essa região, uma espécie de reserva ecológica de todo o mundo, uma invenção poética de todo o mundo. A Amazônia está no imaginário de todo o mundo, como a vastidão das águas, matas e ares, o emblema primordial da vida vegetal, animal e humana, o emaranhado de lutas entre o nativo e o conquistador, o colonialismo, o imperialismo e o globalismo; o nativismo e o nacionalismo; a ideia de um país imaginário; o paraíso perdido; o eldorado escondido; a realidade prosaica, promissora, brutal; uma interrogação perdida em uma floresta de mitos. São geógrafos e historiadores, naturalistas e biólogos, sociólogos e antropólogos, romancistas e poetas os que percorrem os meandros e as lonjuras, o presente e o passado, o visível e o invisível, de modo a alcançar a resposta, o esclarecimento, o exorcismo ou o encantamento (IANNI, 2001, p. 18, 19).

Além do interesse científico, a busca por riquezas era um catalisador importante dessas viagens. É interessante notar que mitos que entusiasmaram homens no século XVI a enfrentar a aventura de uma viagem transatlântica rumo ao continente recém-descoberto, continuaram a compelir aventureiros ainda no século XIX. O El Dorado provou ser historicamente o mais importante os mitos que atraíam os viajantes (MANTHORNE, 1996). É interessante notar como a Amazônia vai destacando-se do conjunto das Américas e tornando-se um dos últimos redutos a ainda aproximar-se da imagem mítica do paraíso terrestre. No século XIX, privilegiou-se a natureza e mesmo as considerações sobre os nativos restringiam-se, na maioria das vezes, aos indígenas, permanecendo as observações sobre eles com um caráter naturalista ou etnográfico.

As peculiaridades de sua floresta tropical, que abriga espécies de mamíferos, aves, répteis, peixes, insetos, plantas e povos nativos cuja sobrevivência depende desses recursos, alimentaram representações paradoxais sobre a vida nessa parte do Brasil. Exuberância natural e atraso socioeconômico, povos exóticos e inferioridade cultural foram algumas dentre as tantas impressões ambivalentes que se fizeram da Amazônia.

Os estrangeiros tinham um desejo muito grande de vir para a Amazônia para contemplar a exuberância da natureza, e ver com seus próprios olhos todas as maravilhas existentes aqui. Geralmente os naturalistas chegavam no Brasil pelo Rio de Janeiro, entretanto Henry Bates desembarcou diretamente numa cidade da Amazônia.

Os primeiros dias de permanência de Bates foram empregados em pequenos passeios de reconhecimento pelos arredores da cidade, onde obtiveram os primeiros contatos com a vegetação e os costumes do povo. À medida que se moviam pelos arredores da cidade, seus olhares viam gente de toda a tonalidade de pele a se misturar harmoniosamente ao cenário tropical, o que aumentava seus anseios em estudar as riquezas da região.

As comparações e contrastes são algumas das características mais presentes nos seus relatos. Até mesmo sua reação inicial em relação à natureza brasileira é marcada por um sentimento de ambivalência. Embora suas escolhas de adjetivo sempre valorizem a beleza, a exuberância e a abundância quando ele escreveu sobre as belezas de um país tropical, “a vegetação tropical mais luxuriante” ou “esse alvoroço da vida” também afirmou ter ficado decepcionado por não ter encontrado imediatamente uma grande variedade de pássaros e insetos.

É interessante refletir sobre o motivo desta desilusão, uma vez que ela é indicativa das expectativas que nutria sobre o que encontraria no país. Estas expectativas se fundamentavam nas leituras de relatos sobre a Amazônia publicados por outros viajantes, e colaboravam para a reprodução de uma mitologia que por vezes associava a Amazônia a uma espécie de Éden

terrestre. O episódio ilustrado, claramente fictício, é apenas um exemplo de como as narrativas de viagem contribuía para criar um imaginário sobre a natureza sul-americana que não necessariamente condizia com a realidade encontrada.

Bates também fez um grande relato sobre as populações humanas, quando chegou em Belém em 1848 as primeiras impressões sobre cidade do Pará (atual Belém) e seus arredores era de falta de ordem, de limpeza e uma aparência geral de negligência e decadência. Ele associou a situação descrita à Guerra dos Cabanos um conflito que foi responsável por um dos maiores massacres da história brasileira. Segundo a narrativa, apesar de passados 8 anos desde o fim da revolta, ainda era possível sentir os efeitos provocados pelo conflito:

Na época de nossa chegada, o Pará ainda não havia se recuperado dos efeitos de uma série de revoluções provocadas pelo ódio que existia entre os brasileiros nativos e os portugueses; o primeiro, no final, chamando em seu auxílio a população indiana e de várias cores. O número de habitantes da cidade havia diminuído, em consequência desses distúrbios, de 24.500 em 1819 para 15.000 em 1848. Embora a paz pública não tivesse sido quebrada por 12 anos antes da data de nossa visita, a confiança ainda não estava completamente restaurada, e os comerciantes e comerciantes portugueses não confiariam em si mesmos para morar em suas belas casas de campo, que se encontram inacabadas nos luxuriantes jardins sombreados da cidade (BATES, 1975, p. 10).

Durante os anos de sua residência no Pará, não foram raras as ocasiões em que encontrou moradores com vívidas memórias sobre o conflito, que compartilharam com ele relatos sobre o que vivenciaram:

Raimundo falou de sua raça como as de pele vermelha, elas significavam bem para os brancos e apenas imploravam para serem deixadas em paz. "Deus", disse ele, "havia dado espaço suficiente para todos nós (BATES, 1975, p. 197).

Os relatos sobre o conflito levaram Bates a destacar, a sensação de que o local parecia entregue à anarquia e ao abandono, com a vegetação selvagem tomando conta das ruas. O lugar tinha o aspecto de um que já tinha visto melhores dias, resumiu o viajante. Além das características da cidade, Bates e Wallace também relataram as impressões que lhe causaram seus habitantes. Ao recordar o seu primeiro passeio pela capital, Bates descreveu a presença

de “pessoas de todas as tonalidades na cor da pele” (BATES, 1975). Para um jovem até então acostumado com os arredores da provinciana da Inglaterra, a reunião em um pequeno centro urbano de uma variedade de povos, incluindo europeus, indígenas e escravos africanos parece ter causado alguma surpresa. No entanto, para Bates, parecia faltar ao povo energia e diligência que os motivasse a prosperar. Novamente recorrendo ao recurso da comparação com a própria pátria, Bates escreveu:

Provisões e aluguéis de casas são baratos e as necessidades do povo são escassas - pois estavam satisfeitas com comida e alojamento de uma qualidade que seria desprezada por indigentes na Inglaterra - eles passavam a maior parte do tempo em indulgências sensuais e divertimentos que os o governo e os cidadãos mais ricos lhes forneceram gratuitamente (BATES, 1975, p. 41).

A convivência entre os diferentes grupos e as divisões sociais e de trabalho existentes também foram relatadas, destacando algumas das tarefas que observavam serem atribuições de grupos específicos. Em seu relato, Bates apresentou aos seus leitores a divisão social do trabalho da seguinte forma:

O comércio, atacado e varejo, estava nas mãos dos portugueses, dos quais havia cerca de 2500 no local. Muitos artesanatos eram exercitados por pessoas de cor, mulatos, mamelucos, negros livres e índios. O melhor tipo de brasileiro não gosta dos detalhes mesquinhos da loja e, se não puderem ser comerciantes atacadistas, preferem a vida dos plantadores no país, por menores que sejam as propriedades e os ganhos. Os negros constituíam a classe de trabalhadores de campo e carregadores; Os índios eram universalmente os homens d'água, e formaram a tripulação das inúmeras canoas de todos os tamanhos e formas que comercializavam entre o Pará e o interior (BATES, 1975, p. 42).

Ainda que a expedição de Louis Agassiz tivesse como foco principal Amazônia, ela aportou primeiramente no Rio de Janeiro, onde permaneceu durante três meses se preparando para a expedição (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000). Neste ínterim, foi possível observar o papel da cronista Elizabeth Agassiz, em cuja narrativa resguarda a posição de Louis Agassiz na expedição mediante os seus comandados, ao mesmo tempo relaciona uma série de dificuldades da viagem que aqueles “moços e vigorosos homens” iriam realizar sozinhos (AGASSIZ &

AGASSIZ, 2000). O registro durante a expedição Thayer era tão importante quanto a observação da natureza e dos tipos humanos brasileiros.

Segundo a autora, sabendo-se que a excursão seria difícil e perigosa, Agassiz trabalhou exaustivamente tentando “prevenir tudo o que possa suceder”, empenhando-se em recolher informações seguras sobre a natureza do percurso “solicita cartas de recomendação para as pessoas mais influentes de cada etapa” (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000). Para ela, qualquer viajante que pretenda adentrar para o interior do Brasil precisa precaver-se antecipadamente, pois a ausência de vias ordinárias de comunicação internas exigem uma temporada de preparação para o viajante que precisa estar munido “previamente de animais de condução, guias, camaradas e escoltas (pois uma escola armada pode-se fazer necessária), os preparativos de uma viagem ao interior exigem grande precaução” (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000).

Outra ressalva de Elizabeth Agassiz é quanto ao volume de informações sobre as regiões interiores do país que se encontravam bastante esparsas, o que julga ser uma evidência clara do pouco conhecimento dos brasileiros em relação ao seu próprio país. Segundo ela, embora os brasileiros se esforcem bastante para facilitar o plano de exploração, era “preciso reunir todas as noções esparsas e colher informes numa infinidade de fontes, para depois combiná-los todos e organizar em seguida um plano”. Para a autora-viajante, embora os assistentes seguissem um plano bem delineado de cada etapa de seu itinerário, era impossível prever de antemão dificuldades ou remediá-las. Em consequência disso “muitas coisas deverão ser deixadas ao arbítrio pessoal e dependeram das circunstâncias de cada um” (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000).

O grupo principal liderado por Agassiz também na Amazônia através da cidade do Pará em 1865, eles exploram todo o curso do Amazonas e alguns de seus afluentes até a divisa com o Peru, recolhendo durante a viagem cerca de 1800 espécies de peixes (BELLUZZO, 2000). Quando chegaram em Belém, o casal Agassiz ficou deslumbrado:

Mil coisas nestas matas atraem a vista e nos distraem daquilo que procuramos. Quanta vez paramos para admirar um tronco por si só constituindo um mundo vegetal! A cada nodo, a cada encontro dos ramos, as parasitas se agarram; as lianas pendem dos galhos altos até o chão; os cipós enleiam o tronco, tão estreitamente unidos uns aos outros que se diriam as caneluras duma coluna. E quantas vezes ficamos imóveis, à escuta, para distinguir o sussurro do vento nas folhas das palmeiras, a uns cinquenta pés acima de nossas cabeças; não é ruído lento e surdo de vento nos galhos dos pinheiros das nossas florestas; mais parece o som claro duma água corrente. Através da estreita trilha, uma

enorme borboleta, dessa cor azul vivo que se admira nas coleções de insetos do Brasil, flutua serenamente no ar diante de nós; ei-la pousada quase a nosso alcance, dobrando os seus esplendores azulados e parecendo, calma e imóvel, uma simples flor castanho-escuro salpicada de branco! Aproximamo-nos cautelosamente, mas uma folha seca estala debaixo de nossos pés; o inseto foge, patenteando de novo, ao abrir as asas, todo o esplendor do seu maravilhoso colorido” (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000, p 302-303).

Sobre as populações humanas, o racismo que imperava no casal Agassiz é evidente:

As seis semanas que acabamos de passar foram muito proveitosas do ponto de vista científico. Não só Agassiz aumentou seus conhecimentos sobre os peixes, como teve ocasião de acumular uma soma de fatos novos e interessantes sobre as numerosas variedades produzidas pelo cruzamento de índios, pretos e brancos (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000, p. 284).

Assim, a Amazônia foi palco de coletas para a zoologia criacionista de Agassiz, mas também funcionou como contraexemplo cultural e racial e ser evitado pela América do Norte. No início de sua carreira, Agassiz acreditava que todos os seres humanos constituíam uma única espécie, mesmo que houvesse uma hierarquia de perfeição entre as diferentes raças. Quando ainda estava na Suíça, havia escrito:

Enquanto os animais são de espécies distintas nas diferentes províncias zoológicas às quais pertencem, o homem, apesar da diversidade das raças, constitui uma única e mesma espécie sobre toda a superfície do globo. Sob este aspecto, dentre tantos outros, o homem aparece como um ser excepcional para a criação, da qual ele é o objetivo e o fim último (AGASSIZ, 1844, p 183).

Vinte anos mais tarde, quando viajava pela Amazônia, o zoólogo tomou notas como a seguinte:

Por mim, julgo estar demonstrado que, a não ser que se prove que as diferenças existentes entre as raças índia, negra e branca são instáveis e passageiras, não se pode, sem estar em desacordo com os fatos, afirmar a comunidade de origem para todas as variedades da família humana (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000, p. 183-184).

Em seus escritos anteriores, ele já esboçava uma aversão aos negros: “Temos que lutar já contra a influência da igualdade universal a fim de não impedir nosso progresso”. Quando os Agassiz vieram ao Brasil, este tipo de ideia estava totalmente consolidada para ambos. Seu contato com as populações locais, apesar de afável, foi marcado por esse sentimento de superioridade. Elizabeth, por exemplo, descreveu um casal de índios mundurucu, como se buscasse distinguir neles algum traço humano:

Poder-se-ia crer que as tatuagens desses índios fariam necessariamente desaparecer todo traço de beleza física. Isto não se dá com o casal que temos diante de nós. Os traços são finos, o arcabouço é sólido e firme, mas não pesado, e no seu porte há mesmo uma dignidade passiva que se nota apesar da tatuagem. Não conheço nada mais calmo que a fisionomia do homem; não é uma estupidez obtusa, pois o olhar é observador e denota sagacidade, mas conserva uma expressão de tranquilidade tal que não se pode imaginar que tenha ou possa ter alguma vez outra diferente (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000, p. 303-304).

Agassiz também levou a oportunidade de fazer extensas observações sobre a população de Manaus. Uma vez estabelecido na cidade com seu grupo de companheiros, Agassiz montou um pequeno estúdio fotográfico, apelidado de Bureau d'Anthropologie, onde ele tirou fotos muito controversas e exploradoras daquelas que chamou de híbridos da Amazônia. Segundo Sousa (2008), Agassiz compartilhou a crença de Arthur de Gobineau (1816 - 1882) de que um dos principais obstáculos para o desenvolvimento de países como o Brasil não era a mera existência de tribos indígenas e escravos africanos, mas a prole gerada pela mistura destes e dos portugueses. A miscigenação, eles acreditavam, apagou as melhores características de um único grupo e criou apenas indivíduos degenerados. O clima, particularmente o calor e a umidade, também foram fatores que impossibilitaram o progresso, pois acreditavam-se que criasse uma espécie de letargia que tornava as pessoas preguiçosas e não querer trabalhar.

Já nos relatos de Bates, podemos encontrar uma visão diferente de como o clima afetou os brasileiros. Para Bates, o clima não era um fator definitivo para determinar a disposição de alguém para o trabalho. Além de sua vivacidade e energia, Bates também elogia a erudição dos habitantes da região, como o padre Torquato, bem como a de outros habitantes, como o senhor Meirelles. Sobre Meirelles, Bates afirmou:

Junto com o padre Torquato, o senhor Meirelles, merece menção; um homem mais sensato, inteligente e de bom coração que nunca conheci no Brasil. [...] Esses dois homens dignos gostavam de ler e assinavam regularmente jornais diários do Rio de Janeiro. O senhor Meirelles gastava muito dinheiro em livros, que ele pedia uma parcela de cada vez da metrópole, a 3.000 quilômetros de distância. Alguns deles eram periódicos portugueses, no plano da English Penny Magazine; a maioria deles, no entanto, eram traduções de romances principalmente franceses. Eles circularam livremente entre os muitos leitores da Villa Nova. Na época da minha visita, 'Cabana do tio Tom', traduzido para o português, era um ótimo favorito. Eu encontrei um amor pela leitura nem um pouco incomum entre o melhor tipo de pessoas nas cidades e vilas nas Amazonas; parece natural ao clima e é promovido pela ocupação, sendo adequada para as horas quentes e preguiçosas do meio-dia (BATES, 1863, p. 286).

Essa descrição contrasta fortemente com a posição de Agassiz sobre os trópicos, onde Bates afirmou que o clima, em vez de ser um elemento degenerativo para as pessoas que moravam na região, realmente favoreceu atividades intelectuais, como a leitura. Diante desses fatos, pode-se levar a crer que o relacionamento de Bates com os moradores locais pode ter sido menos ditado por uma ideia cientificamente apoiada de superioridade europeia e, portanto, poderia ter permitido a ele maior proximidade com seus colaboradores do que Agassiz, por exemplo.

Como Camerini (1996) já apontou, atitudes como confiança e respeito desempenharam um papel substancial nas relações dos naturalistas com os habitantes locais, que às vezes eram cruciais para obter ajuda e informação. Após seu primeiro ano de residência no Brasil, Bates chegou à seguinte conclusão:

Nessa época, eu havia aprendido que a única maneira de atingir os objetos pelos quais vim para este país era me acostumar aos modos de vida das classes mais humildes dos habitantes. Um viajante nas Amazonas ganha pouco ao receber cartas de recomendação para pessoas notáveis, pois nas grandes áreas selvagens do interior da floresta e do rio, os homens-canoa seguem seu próprio caminho; as autoridades não podem forçá-los a conceder passagens ou a contratar-se para os viajantes, e, portanto, um estrangeiro é obrigado a se agradar deles para ser transportado de um lugar para outro (BATES, 1863, p. 147).

Novamente, se compararmos a expedição de Bates à de Agassiz, encontraremos algumas diferenças marcantes. Embora o naturalista nascido Suíço tenha recebido contribuições de um grande número de brasileiros, incluindo membros de vários grupos indígenas, suas interações eram quase sempre necessariamente mediadas, uma vez que ele não falava português ou a língua geral ensinada por missionários jesuítas a muitas populações indígenas. Nesse caso, Agassiz contava com pessoas como o major João Martins da Silva Coutinho, que foi seu colaborador mais importante durante a expedição.

Bates, por outro lado, gostava de aprender português, pois sabia que isso seria necessário para interagir com as pessoas. Desde criança, Bates parece ter grande interesse em aprender idiomas diferentes, e teve aulas de francês, grego e latim. Em um de seus cadernos, guardado na Biblioteca Britânica, podemos encontrar várias páginas de vocabulário, não apenas em português, mas em língua geral, e também nos idiomas indianos das tribos Mundurucú e Mauhés.

Fiz essa descrição geral sobre as impressões de Bates e Agassiz sobre as populações da Amazônia. Posteriormente, ambos subiram o rio Amazonas e ambos estiveram na vila de Ega, no próximo tópico faço um aparato de suas descrições a respeito das populações do local.

## **2.2. Naturalistas no rio Solimões**

O naturalista Bates de todos os viajantes, foi o que mais tempo demorou na região do Solimões/Amazonas, chegando à região em 1848 e, permanecendo até 1859 (WALLACE, 1979). Ao realizar suas pesquisas na região do Solimões/Amazonas também fez questão de descrever a população. As reflexões empreendidas por Bates, sobre a população do rio Solimões/Amazonas são de maneira agradáveis, principalmente quando se refere aos habitantes da vila de Ega. Ao se referir a eles deixou claro que vivia em completa harmonia com os habitantes. Para o viajante a população tinha uma grande vontade de ser considerada civilizada. E mais da metade dos habitantes de Tefé era composta de mamelucos e uma quantidade de 50 brancos da raça pura. O número de negros e mulatos era um pouco menor, constituindo o resto da população de índios puros (BATES, 1975, p. 205).

O estrangeiro ficou muito surpreso com recepção dos habitantes de Tefé. Quando desembarcou na vila de Ega, o proprietário do barco mandou matar um boi em comemoração à chegada do estrangeiro, e no dia seguinte apresentou bates aos mais importantes habitantes de Tefé. Primeiro foram à casa do delegado de polícia o senhor Antônio Cardoso, que se tratava de um homem corpulento, de feições largas, que passava por branco embora tivesse traços de sangue negro, a cor rosada do seu rosto dificilmente deixava transparecer essa mistura. O

viajante foi recebido de maneira muito cordial e cativante pelos habitantes de Tefé (WALLACE, 1979).

Bates fez de Tefé seu quartel-general durante sua permanência no Solimões/Amazonas. Durante suas excursões pela região o naturalista fez questão de descrever a vida sossegada do povoado:

Eu vivia como já devo ter deixado bem claro em completa harmonia com os habitantes de Ega. É lógico que não havia a menor possibilidade de existir ali uma sociedade requintada, mas as duas ou três dezenas de famílias que constituíam a classe alta do lugar compostas de pessoas decentes, sossegadas e muito sociáveis, cujas maneiras apresentavam uma curiosa mistura de ingênua rusticidade e cortesia formal. (WALLACE, 1979, p. 202).

O discurso, ainda que enunciado por uma pessoa estranha ao mundo amazônico, possibilita captar o olhar do estrangeiro sobre os povos que habitavam nessa parte da região. Nota-se que a população se mostrava amável e educada para com europeu. E nunca foram vítimas nesses lugares pelos moradores.

Quando Bates chegou à região do Solimões, a vila de Ega, como era chamada a cidade de Tefé, era apenas um arraial sob a jurisdição da cidade do Pará, distante dali 2000 km. A partir de 1852, com a criação da nova província do Amazonas, o vilarejo foi elevado à categoria de cidade, enviando seus representantes ao parlamento provincial da Barra. A navegação a vapor foi estabelecida no Solimões/Amazonas, a partir de 1855 e foi possível ligação a vários rios. Foi a partir da ligação de vários rios que o povo se tornou mais civilizado, e começou a se vestir segundo o último figurino de Paris, ao invés de andar de tamancos sem meias e em mangas de camisa, além disso adquiriu o gosto pelo dinheiro e pelos cargos públicos.

Ao deixar o lugar em 1859, o naturalista descreve o que via, pelo seu olhar, que o vilarejo semi-indígena cujas maneiras e ideias lembravam mais uma cidadezinha do interior, na Europa setentrional, do que uma colônia sul-americana. O lugar é salubre e praticamente isento de insetos perniciosos, e cercado por uma perpétua e verdejante mata e o seu solo é de uma assombrosa fertilidade, mesmo para os padrões brasileiros; seus inumeráveis rios, com seu labirinto de canais, fervilham de peixes e tartarugas. Que futuro esplêndido aguardava essa cidade sonolenta tropical (BATES, 1979).

O naturalista também analisou as festas religiosas em Ega, no médio Solimões/Amazonas, lembra os acontecimentos como sendo bastante semelhante ao que pode

ser observado durante um velório à moda antiga nas remotas aldeias da Inglaterra. Mas a parte que nos interessou foi quando o inglês faz uma síntese dos principais acontecimentos ocorridos durante a festa, ou seja, as danças, as conversas, as bebidas, as brigas, os carinhos mais exagerados dos habitantes.

A padroeira do povoado é Santa Teresa, e sua festa, como a maioria das outras, dura dez dias. O começo é calmo, com ladainhas entoadas à noite na igreja; a maior parte da população comparece, todos vestidos com roupas limpas e festivas, de algodão ou cassa; as moças trazem jasmims ou outras nos cabelos, sendo esse o único enfeite que as mulheres seja qual for a sua classe usam na cabeça [.....]. O comportamento do povo do interior nessas ocasiões festivas, que ocorrem várias vezes durante o ano. (WALLACE, 1979, p. 211).

Diante de tais características do comportamento dos habitantes de Tefé, o naturalista fez questão de refletir sobre as similaridades da natureza humana em toda parte do globo quando as condições de vida e o nível de cultura são os mesmos encontrados aqui. Tudo isso era exatamente o que o naturalista já havia observado na Inglaterra em trabalhadores rudes e ignorantes. Bates só confirma que o processo de disciplinamento a que eram submetidos os trabalhadores ingleses ainda estava muito longe chegar ao objetivo esperado.

Quando Agassiz chegou à região do rio Solimões ficou estarrecido com a diversidade humana com a qual se defrontou, principalmente com os efeitos produzidos pela mestiçagem. Para ele, havia muitos problemas causados pela mistura das raças no Solimões/Amazonas:

Outra particularidade que igualmente impressiona o estrangeiro é o aspecto fraco e depauperado da população. Já havia assinalado anteriormente, mas nas províncias do Norte, isto é bem mais impressionante que nas do Sul. Não se trata apenas de ver crianças de todas as cores: a variedade de coloração testemunha, em toda sociedade em que impera a escravidão, o amálgama de raças. Mas no Brasil essa mistura parece ter sido sobre o desenvolvimento físico uma influência muito mais desfavorável do que nos Estados Unidos. É como se toda pureza de tipo houvesse sido destruída, daí resultando um composto vago, sem caráter e sem expressão. Essa classe híbrida, ainda mais marcada na Amazônia por causa do elemento índio, é numerosíssima nas vilas e nas grandes plantações (AGASSIZ, 1975, p. 180).

Na visão preconceituosa de Agassiz, o cruzamento das raças eram um empecilho, visto que não se poderia olhar de outra maneira esse a questão:

Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados por falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país se dão mais largamente do que em qualquer outro. Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades, quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu (AGASSIZ, 1975, p. 80).

As conclusões de Agassiz pautaram-se em estudos já realizado por ele nos Estados Unidos sobre a mestiçagem. O ano de sua chegada ao Brasil coincidiu com a abolição da escravatura nos Estados Unidos. Daí se nota suas comparações entre os dois países, principalmente com relação ao direito dos negros:

Numa época em que a nova situação social de negro é, para os nossos homens de Estado, uma questão vital, onde seria bom aproveitar a experiência de um país onde a escravidão existe, é verdade, mas onde há mais liberalismo para com o negro do que nunca houve nos Estados Unidos. Que essa dupla lição não fique perdida. Abramos ao negro todas as vantagens da educação; demos-lhe todas as possibilidades de sucesso que a cultura intelectual e moral dá ao homem que dela se sabe aproveitar; mas respeitemos as leis da natureza e, em nossa relação com o negro mantenhamos, no seu máximo rigor, a integridade do seu tipo nativo e a pureza do nosso (AGASSIZ, 1975, p. 180).

Para ele, os negros dos Estados Unidos merecem uma educação, enquanto os do Solimões/Amazonas isso seria impossível de se alcançar devido ao seu estado acelerado de cruzamento. Era essa realidade encontrada no Brasil que naturalista não queria que se espalhasse pelo Estados Unidos.

Agassiz (1975) ao estudar as características gerais da população do Solimões/Amazonas fez questão de retratar os traços de sua criada Alexandrina. A mistura do sangue índio e sangue preto, que corria em suas veias, faziam dela um exemplo claro do cruzamento de raça que aqui se encontrava. A maneira como ele a descreve acentuando suas principais características passa

a impressão de estar fazendo uma caricatura do que preocupado em captar como seria as qualidades da população que existem nas margens desse grande rio. Desta forma Agassiz:

[...] desejava tê-lo por causa da disposição extraordinária da cabeleira dessa moça. Seus cabelos perderam as ondulações finais e cerradas próprias dos negros, adquiriram mesmo alguma coisa da longura e do aspecto duma cabeleira de índia, mas lhes ficou, apesar de tudo, uma espécie de elasticidade metálica. A pobre menina faz tudo para penteá-los; eles ficam em pé em sua cabeça e se eriçam em todas as direções, como se estivessem eletrizados. (Agassiz, 1975, p. 154).

O interesse do naturalista em mostrar visivelmente sua criada Alexandrina devia, sobretudo, ao fato de querer demonstrar ao mundo e provavelmente aos homens dos Estados Unidos, como era um espécime originário, segundo ele próprio, desse amálgama de raças existente aqui. O olhar do suíço era claro, queria mostrar o resultado da mestiçagem produzida entre o elemento da raça negra com o indígena. O estrangeiro passa impressão de querer esconjuram a realidade da mestiçagem no Solimões/Amazonas, para que a existência na América do Norte não atingisse as mesmas proporções da constatada por ele aqui.

Duas coisas impressionam vivamente o viajante no Alto Amazonas. Logo à primeira vista se percebe quanto é urgente a necessidade duma população mais numerosa; em seguida, sente-se a necessidade de mais alta moralidade entre os brancos. Enquanto tais condições não forem satisfeitas, será bem difícil desenvolver os recursos desta região. Para chegar a esse resultado, é extremamente importante abolir todo entrave à livre navegação do Amazonas e seus tributários; é preciso abrir essas grandes vias fluviais à ambição e à concorrência de todos os povos. (AGASSIZ, 1975, p. 154).

Desta forma, nota-se que o viajante ficou impressionado com a falta de uma população numerosa e a presença escassa da população branca. Para ele enquanto o Solimões/Amazonas não fosse aberto para a livre navegação as necessidades da população branca não poderiam ser satisfeitas. A visão do naturalista é bem clara enquanto a população do Solimões/Amazonas não se tornar totalmente branca, essa sociedade não poderia alcançar a modernidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui, pude notar, norteados pelo olhar dos dois naturalistas, a diferença com que eles viam as populações. Bates ao chegar à região do Solimões/Amazonas tinha necessidade de encontrar um lugar onde houvesse um campo fértil para a pesquisa da história natural, principalmente porque desejava encontrar um lugar que pudesse se estabelecer por alguns meses ou anos (WALLACE, 1979). Ao chegar à Ega, permaneceu aqui durante anos, pois o lugar se tornou-se um lugar onde ele vivia em completa harmonia com os habitantes de cidade (BATES, 1979). A população nessa região sempre se mostrou agradável com o estrangeiro e sempre parecia natural que estrangeiros viessem recolher e enviar para outros países os belos pássaros e insetos desse rio.

Importa salientarmos que durante a expedição de Agassiz pelo rio Solimões o viajante se beneficiou com a mão de obra da população que se mostrou muito agradável com estrangeiro. E muitos de seus empregados eram índios e mestiços que prestavam serviços como remadores e guias. Apesar disso, a expedição de Louis Agassiz ao Brasil pode ser compreendida como uma ocasião que o naturalista encontrou para dar maior visibilidade às suas teorias raciais. Suas observações sobre a mestiçagem brasileira apoiam sua opinião de que as raças não devem se misturar, e fortalecem o campo político de parte da elite norte-americana que pregava a segregação dos negros. Ele escreveu explicitamente: “Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados por falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil.”

Voltemos a destacar os objetivos da viagem de Bates e Agassiz. A jornada para o Brasil tinha como propósito satisfazer suas expectativas científicas, refutar antigos preconceitos contra o Novo Mundo, elaborar hipóteses sobre a origem da vida, identificar novas espécies por meio dos métodos taxonômicos e, por fim, ver e sentir as forças da natureza em toda a sua plenitude. Estes foram os princípios reguladores do olhar naturalista Bates e dos Agassiz em relação ao meio ambiente amazônico.

Deixo um relato, que apesar de não redimir Agassiz de suas convicções racistas, mostra que em algumas ocasiões, ele tinha bom senso: Muitas espécies das florestas tropicais são desconhecidas para a ciência, porém os índios conhecem todas e dominam esses seres e utilizam suas propriedades. Esses índios são detentores de vasto conhecimento e este conhecimento é primordial para ajudar os cientistas que vem para estas terras (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000, p. 324).

Na passagem supracitada pode-se ver claramente a consciência naturalista sobre a importância de se apropriar dos saberes locais. Os naturalistas também tinham consciência que

os habitantes da Amazônia utilizavam seu próprio sistema para classificar a natureza selvagem, evidenciando “um desejo universal que têm todos os povos “primitivos” ou não de conhecer e classificar seu ambiente biológico, seja simplesmente pelo desejo em si, seja pela satisfação de impor um padrão ao seu meio circundante”. Eram eles que tinham o conhecimento prático acerca dos benefícios das plantas e animais, fosse para uso medicinal, alimentação ou fabricação de artigos.

Além de classificar coisas e seres encontrados no vale do Amazonas, mais que descrever o quadro da natureza que compõe a região, estes naturalistas identificavam os seus papéis enquanto autoridade científica. Assim, do encontro com o outro podemos vislumbrar os viajantes representando a si próprios, indivíduos pertencentes à classe média letrada, cuja tarefa de suas vidas tem sido dedicada à ciência. Por outro lado, ao pensarmos na imagem do homem e da mulher ocidentais educados, que sabiam se comportar em qualquer lugar, mesmo naqueles distantes sertões, é difícil conceber a preservação de sua etiqueta burguesa diante de formas de vida e de cultura tão díspares à sua.

Era preciso, antes de tudo, conhecer alguns signos, alguns meios de comunicação, assimilar alguns hábitos estranhos, apreender alguns valores sociais, adaptar-se a eles e, enfim, apropriar-se dos milenares conhecimentos nativos acumulados. Comer da mesma comida dos índios, despir-se para excursionar na floresta, adaptar-se ou integrar-se às determinações do meio era uma necessidade para esses estrangeiros. Deste modo, muitas das cenas foram governadas pelas relações de trocas, pela assimilação, pela reciprocidade entre culturas díspares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSIZ, Louis. Viagem ao Brasil:1807-1873. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, 1975.

AGASSIZ, Louis. Monographie des poissons fossiles du Vieux Grès Rouge ou système dévonien (Old Red Sandstone) des Iles britanniques et de Russie. Neuchatel: Soleure, 1844.

AGASSIZ, Luís e AGASSIZ, Elizabeth. Viagem ao Brasil: 1865-1866. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

ALVES, José Jerônimo de Alencar. A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.3, 2011.

ANTUNES, Anderson, Ferreira. Arte como ciência: a produção científica do artista viajante oitocentista. 1 Ed. Osvaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2013.

ANTUNES, Anderson Pereira; MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa Medeiros. O descanso dos naturalistas: uma análise de cenas na iconografia oitocentista. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 22, p. 1051-1066, 2015.

ANTUNES, Anderson Pereira. Um naturalista e seus colaboradores na Amazônia: A Expedição de Henry Walter Bates ao Brasil (1848-1859). Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 2019.

BATES, Henry Walter. The naturalist on the river Amazons. 1º ed. Londres: John Murray, 454 p., 1863.

BATES, Henry Walter. Um naturalista no rio Amazonas. Ed. Itatiaia. São Paul, 1975.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. O Brasil dos viajantes. 2ª ed. São Paulo: Metalivros. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. Org. O Brasil dos Viajantes. Imaginário do Novo Mundo. Vol. I, Fundação Odebrecht, 3 Ed., 2000.

BROOKS, John Langdon. Just before the Origin. Alfred Russel Wallace's Theory of Evolution. New York: Columbia University Press, 1984.

CAMERINE, Jane R. Wallace in the field. *Isis* 11 (2): 44-65, 1996.

CAMERINE, Jane. The Alfred Russel Wallace Readers: A Selection Writings the field. Baltimore: The Hopkins University Press, 2002.

CARMO, Viviane Arruda do. Episódios da história da biologia e o ensino da ciência: as contribuições de Alfred Russel Wallace. (Tese de Doutorado). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2011.

CID, Maria Rosa Lopez; WAIZBORT, Ricardo. Alípio de Miranda Ribeiro e as lições da Comissão Rondon para o Museu Nacional. *Filosofia e História da Biologia*, v. 1, 2006.

DANTES, Maria, Amélia, M. (Org.). *Espaços da Ciência no Brasil*. Editora Fiocruz, 2001.

Dickenson, J. He Naturalist on the river Amazon and a wider world: reflections on the centenary of Henry Walter Bates. *The Geographical Journal* 158: 207-214, 1992.

FICHMAN, Martin. An elusive Victorian: the evolution of Alfred Russel Wallace. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2004.

FIGUEIRÔA, Silvia. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII à transição ao século XX). *Asclepio*, n.2, p. 107-123, 1998.

FILGUEIRAS. Carlos A. L. Origens da Ciência no Brasil. *Química Nova*, São Paulo, v. 13, 1990, p. 227.

GOMES, Carlos Valério Aguiar; VADJUNEC, Jacqueline M.; PERZ, Stephen G. Rubber tapper identities: political-economic dynamics, livelihood shifts, and environmental implications in a changing Amazon. *Geoforum*, Amsterdam, v. 43, n. 2, p. 260-271, Mar. 2012.

GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. São Paulo, SP: Marco Zero, 1994.

IANNI, Octavio. Lendas do novo mundo - Ensaio sobre a poesia de João de Jesus Paes Loureiro. São Paulo: S/E, 2001.

KURY, Lorelai. Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: relato e imagem. In Revista História a Ciência e Saúde, vol. VII, Fund. Oswaldo Cruz, 2001.

LISBOA, Karen Macknow. A nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem ao Brasil (1817-1820) São Paulo: Hucitec, 1997.

LISBOA, Karen Macknow. A nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). Rio de Janeiro, v. 22, nº 1, 179-194, 2009.

LOPES, Maria Margaret. Cooperação científica na América Latina no final do século XIX: os intercâmbios dos museus de ciências naturais. Interciencia. vol. 25, nº 5, 2000. p. 228- 233. 15.

LOPES, Maria Margaret. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX. Revista Brasileira de História, v. 21, nº 41, 2001. p. 55 – 76.

MANTHORNE, Katherine E. O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX. Revista USP no 30. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 1996.

MARCHANT, James. Alfred Russel Wallace: Letters and reminiscences. 2 volumes. London: Casell, 1916.

PAPAVERO, Nelson; SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. Evolucionismo darwinista? Contribuições de Alfred Russel Wallace à Teoria da Evolução Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 34, nº 67, p. 159-180 – 2014.

RABY, Peter. Bright Paradise: Victorian Scientific Travellers. New Jersey: Princeton University Press, 1996.

RONAN, Colin A. História Ilustrada da Ciência. Universidade de Cambridge. III – Da Renascença à Revolução Científica 1 ed. São Paulo: Círculo do Livro Henry, John, (1998). A Revolução Científica e as Origens da Ciência Moderna 1 ed. 1987.

RUBIN, C. Viajantes Naturalistas no Brasil. Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental - ReGet e-issn 2236 1170 - V. 19, n. 1, jan.- abr. 2015, p.194-201.

SÁ, Magali Romero. James William Helenus Trail: A British in Nineteenth-Century Amazonia. Tese de Doutorado. United Kingdom: University of Durham, 1995.

SEIXO, Maria Alzira. Entre cultura e natureza. Ambiguidades do olhar viajante. Revista USP n. 30. pp. 120-133, 1996.

SOUZA, Ricardo Alexandre Santos. Agassiz e Gobineau: as ciências contra o Brasil mestiço Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, - Rio de Janeiro: s.n., 163 f., 2008.

VAN WYHE, J. A delicate adjustment: Wallace and Bates on the Amazon and He Problem of the Origin of Species”. J. Hist. Biol. 47: 627-659, 2013.

WALLACE, Alfred Russel. My life. A record of events and opinions, vol. 1, London: Chapman & Hall, 1905.

WALLACE, Alfred Russel. Viagens pelos Rios Amazonas e Negro. [1889]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

WANZELLER, P. R. C. Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional: o templo carioca de Palas Atena. 273. ed. Rio de Janeiro: Firjan, 2019. v. 01. 357p.

WILKE, Valéria Cristina Lopes; ANTUNES, Anderson Pereira. Imagens da ciência brasileira: a produção iconográfica do artista viajante. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 194-209, 2012.